

Adige Maranhão

Bacharelado e Solicitador Militante
Ex-Bolsista na Washington University - EUA
Orador na Semana Jurídica de Porto Alegre
Tesiista na Semana Jurídica de Fortaleza

**PALAVRAS DE DESPEDIDA
no
CORAÇÃO DE NOVA YORK
(PÁGINAS ACADÊMICAS)**



F
340.04
M311p
2

— 1961 —



A

Soriano Neto

gula imortal da minha
geração

A grande
minha querida
luz branca da vida
aut

Biblioteca
Escola
acadêmica

Ex 10/3/61

ADIGE MARANHÃO
ADVOCACIA
Residência: Rua...
Bairro S. José - 66.142

Aos distintos companheiros
da Turma do Cinquentenário,
na esperança de que escolham
o melhor para representar o
nosso pensamento quando da
Colação de Gráu, autêntica
consagração de nosso triunfo
nos bancos acadêmicos...

"ALEGREI-ME COM A SUA CONQUISTA"...

Quando ainda se encontrava na "Law School" da "Washington University" na cidade de Saint Louis, no Estado de Missouri, o autor desta "plaquete" recebeu a carta seguinte:

"ARQUIDIOCESE DE NITEROI"

Niteroi-Estado do Rio

Meu Caro Adige
abraços

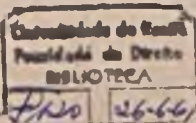
Fiquei contentíssimo ao receber sua cartinha daí, pois, isso significa que mesmo as grandes distâncias não esfriam as legítimas e sinceras amizades. Alegrei-me com a sua conquista e faço votos para que aproveite bem o seu tempo em um meio universitário tão evoluído como êsse dos Estados Unidos da América do Norte.

Você sabe quanto admiro êsse grande povo e quanto espero que a alta compreensão de fraternidade universal, que êle tem, possa contribuir para que o Brasil escape aos tentáculos terríveis e ambiciosos do Comunismo deshumano.

Com meus votos de felicidade e um grande abraço
muito amigo

† ANTONIO, Arcebispo de Niteroi

Niteroi, 3/2/1961".



PALAVRAS DE DESPEDIDA NO CORAÇÃO DE NOVA YORK *

**Prezado Professor Mr. William C. Jones;
Meus distintos colegas de Representação.**

É fortemente sensibilizado que falo neste instante em que nos despedimos dos Estados Unidos da América do Norte, após um curso dos mais eficientes participando de um seminário sobre leis e direito comparado durante cinco semanas na Universidade de Washington e mais duas visitando o "Tennessee State". Washington D. C. e finalmente esta Nova York. Tenho assim a honra de trazer a esta simples mais significativa solenidade a palavra de agradecimento da Universidade do Recife, representada aqui por mim e o meu colega Roberto Cavalcanti de Albuquerque e por isso mesmo peço ao ilustre professor William C. Jones que transmita ao Departamento de Estado os nossos agradecimentos e os votos de aplausos por ter aquêle Departamento escolhido um mestre dos mais ilustres da Universidade de Washington para que superintendesse êste nosso seminário.

Mr. William C. Jones é um homem que se dedica sem vacilações aos mais árduos deveres. Essencialmente idealista,

não mede esforços para bem servir a sua pátria e concorrer para a fraternidade entre os povos. E isto vem a ser, apenas, um ligeiro aspecto de sua personalidade, tão opulenta de eternas riquezas do espirito.

Prezado Mr. Jones:

Eu creio que o Departamento de Estado quando enviou o sr. da Universidade de Washington para ir ao Brasil seleccionar esta plêiade de jovens idealistas para participar dêste seminário sôbre leis, agiu acertadamente.

O sr. foi ao Brasil escolher os melhores dentre os melhores. Isto porque antes da seleção a que o sr. presidiu já os nossos directores haviam seleccionado os melhores de nossas Universidades. Portanto, aqui se encontram reunidos, no coração de Nova York para uma despedida inesquecível, os melhores dentre os melhores da juventude universitária de Direito de todo o Brasil.

Esta preocupação do Departamento de Estado para com a juventude estudiosa de meu país é indiscutivelmente das mais acertadas. Se a memória não me falha foi padre Lacordaire que num de seus monumentais sermões nas sacadas seculares de Notre Dame de Paris afirmou certa vez que "a juventude era uma energia insopitável. A tal ponto que tôdas as doutrinas que queriam de súbito mudar o ritmo das coisas procuravam apoderar-se dela. Só ela se desencadeia sem medir as altitudes, sem calcular os abismos".

Foi êste sentido altamente revolucionário da juventude moderna que o Departamento de Estado prescutou em nós que representamos a juventude brasileira e aqui passamos sete semanas, aperfeiçoando nossos conhecimentos e travando contacto com as maravilhosas grandezas dessa terra admirável.

Mas, é preciso acentuar que nós somos uma juventude feliz!

Infeliz, foi aquela juventude da europa convulcionada nas guerras de 14 a 18 e de que tão bem nos fala STEFAN ZWEIG em seu livro "O Mundo que Eu Vi" naquele capítulo sobre o "mundo da segurança". A juventude de Stefan Zweig e de sua encantadora Viena era uma juventude que, conforme êle próprio acentua, "saía de casa pela manhã e não sabia ao voltar à tardinha se encontrava a casa, o lar, a família". Tal era a insegurança reinante.

O mundo da segurança de que Stefan Zweig tanto fala em seu livro é precisamente êste em que vivemos, onde há uma estabilidade mais ou menos perfeita para os que viverem.

Amanhã mesmo, deixaremos esta bela Nova York e voltaremos ao Brasil, mas sabemos de antemão que nosso lar e nossas famílias estão em segurança, na terra querida. Feliz, portanto, é a nossa geração que não conhece os dissabores por que passou a geração de 14 a 18, da europa convulcionada.

Prezado Mr. Jones:

Nós brasileiros temos também uma profunda e gratíssima admiração por este bravo povo da Norte-América por ser êle o sustentáculo e o baluarte mais visível da democracia. Mas da verdadeira e autêntica democracia.

Daquela democracia que um bom amigo desta pátria, o professor PINTO FERREIRA, da Universidade do Recife, chegou a classificar em seus livros como sendo "aquêlê governo constitucional das maiorias, que sob a base da liberdade e da igualdade, permite as minorias a representação, fiscalização e crítica, nos parlamentos abertos".

E é esta democracia que Pinto Ferreira tão bem definiu que os Estados Unidos da América do Norte defendem arduamente com o seu potencial bélico, se necessário fôr, para que subsistam no mundo povos livres e democraticamente governados.

Por tudo isto, mr. William C. Jones, receba os agradecimentos da Universidade do Recife, que aqui representamos, na certeza de que regressaremos amanhã ao nosso país imensamente satisfeitos pela cativante acolhida que aqui tivemos e, sobretudo, por termos conhecido êsse homem imensamente bom que foi WILLIAM C. JONES.

* (Discurso pronunciado em nome da Universidade do Recife no restaurante LUIGI, em pleno coração de Nova York, no dia 12 de março dêste ano, quando se reuniram os dezolito bolsistas brasileiros, representantes de 9 de nossas melhores Universidades e o professor William C. Jones, representando o Departamento de Estado. O discurso foi em português, uma vez que todos falavam esta lingua. Êste discurso foi feito de improviso e depois reconstituído pelo autor).

SAUDAÇÃO AO DR. F. PESSÔA DE QUEIROZ

Prezado dr. F. Pessoa de Queiroz:

"Para apresentar-lhe as boas vindas em nome dos meus colegas de Faculdade, direi apenas que não encontro na desmedida pobreza de meus recursos oratórios e na aridez da imaginação infecunda, o fulgor das opulentas expressões, o primor dos eruditos conceitos, a solidez e a beleza de um bom estilo, que deveriam imprimir a contextura destes votos de boas vindas a um homem que embora já de há muito tenha dado adeus a velha Faculdade de partida para a vida pública, continua ainda intimamente vinculado a este templo do Direito, como que por uma nota íntima, afetiva, sentimental, depois de já ter ultrapassado mais de meio século do bacharelado, volta para uma cordial e inesquecível convivência, em que sente o calor de nossa simpatia, a espontaneidade de nossa estima, o fulgor de nosso ideal e o entusiasmo da nossa admiração.

Felizes, portanto, daqueles que voltam ao passado, porque estão vivendo-o outra vez"...

(Trecho final do discurso transcrito do JORNAL DO COMMERCIO, onde saiu com amplo destaque na sua edição do dia 12 de agosto de 1980).

PROBLEMÁTICA DO TRIGO *

Excelentíssimos Senhores Membros da
Banca Examinadora; Meus ilustres e dis-
tintos Colegas de Faculdade;
Meus senhores e minhas senhoras

Permiti que nestas minhas primeiras palavras, eu traduza o íntimo contentamento e a imensa satisfação que domina a todos nós neste instante, em sermos examinados por mestres dos mais capazes desta veneranda Faculdade do Recife. Me-
stres como Rul da Costa Antunes — presidente da Banca Exa-
minadora e outros como Luiz Rodolfo, Nilzardo Carneiro Leão,
Zenaldo Barbosa e José Veiga. Isto mais se acentua quan-
do constatamos que são estes mesmos homens que todos
os dias nos anfiteatros desta nossa secular Escola nos trans-
mitem aquilo que, há dois dias atrás neste mesmo local, o ad-
vogado José Paulo Cavalcanti classificava de “A maravilha
do ensinamento oral”.

Dito isto, permiti — senhores julgadores e distinto audi-
tório — que eu ingresse no assunto que me coube por sorte
neste concurso de oratória, qual seja A PROBLEMÁTICA DO
TRIGO.

Direi inicialmente que o trigo Brasileiro não é, de fato, um problema na melhor acepção do termo. O Trigo brasileiro vem a se constituir uma TRAGÉDIA e isto tentaremos provar no decurso de nossa oração. Sabemos que o TRIGO é um problema essencial da região extremo sul do Brasil, como querem alguns.

Mas ali não existe problema do trigo, mas sim uma tragédia na mais alta acepção do termo. Essa tragédia reside, inicialmente, na não solução de um problema que já de há muito deveria estar solucionado.

Se a memória não me falha, há cerca de trinta anos atrás, no RIO GRANDE DO SUL o dr. GETÚLIO VARGAS, lançou a sua conhecida proclamação: Plantai, Trigo! Ele é a fartura do lar, a glória dos campos e a riqueza da pátria".

E Getúlio tinha razão, pois nós consumimos anualmente dois milhões e quatrocentas toneladas de trigo. Enquanto isto a Itália com uma população menor, consome oito milhões de toneladas de trigo anualmente.

Pergunta-se: no dia em que o nosso povo tiver necessidade de consumir o cereal-pão nas proporções do povo italiano, onde ficará a nossa produção? Esta — meus senhores e minhas senhoras — é a tragédia do trigo brasileiro. Tragédia do tempo perdido. O Brasil não produz o suficiente para seu consumo. Não temos uma consciência tritícola firme, generalizada. No Brasil, ainda hoje, a comida é a base do "feijão, arroz e carne". Não temos uma consciência tritícola firme, porque não temos tradição tritícola!

E agora começa a nossa tragédia. Quanto nos custa o trigo importado? A mentalidade do consumidor sempre dominou nas altas esferas responsáveis pela nossa política tritícola. Tudo se resume no dólar oficial que é fornecido pelo Banco do Brasil. Basta dizer que no ano de 1953, o Banco do Brasil revelou, em estatística, fazendo-se a diferença entre o dólar oficial e o dólar do mercado livre, que as importações atingiram a casa dos oito bilhões de cruzeiros.



O esquema Aranha, proposto em princípios de 1953, visava "fornecer dólar estadunidense a Cr\$ 18,00 para a compra do trigo estrangeiro"... Isto nada mais é do que a ilusão do trigo barato e essa ilusão não nos interessa...

LUIZ CAMPAGNONI em sua monografia "A TRAGÉDIA DO TRIGO BRASILEIRO, propõe a criação de um sistema econômico do trigo.

Isto é, teríamos um conjunto de obras, empreendimentos, de serviço capazes de, preliminarmente, produzir este cereal e, depois, armazená-lo. Este é o esquema de Campagnoni que no fim vem se reduzir em capitais, em financiamentos, em dinheiros.

O caso do trigo argentino é uma autêntica tragédia brasileira. Nós chegamos a trocar a nossa madeira, destruindo uma riqueza dificilmente recuperável como a principal madeira exportada que foi o pinheiro "Araucaria Brasiliensis, árvore gigantesca, cujo tronco varia entre 25 e 65 polegadas de diâmetro e necessita cem anos para alcançar seu desenvolvimento completo. Trocamos essa madeira por um cereal que, em seis meses de plantio, alcança seu pleno potencial econômico.

Nossa tragédia é, portanto, a da baixa produtividade. Precisamos de um plano de intensificação da triticultura, executado através das prefeituras municipais. Precisamos obrigar o Ministério da Agricultura a dar toda a assistência possível ao pequeno lavrador, fornecendo instruções, planos, mapas, técnicos, distribuindo sementes etc... E assim como o governo italiano levou avante a "Batalia del Grano", fazemos a nossa "Batalha do Trigo", rompendo as barreiras da tragédia do tempo perdido.

Esta deve ser a nossa luta em busca da salvação do trigo nacional.

Repitamos, para encerrar, aquelas mesmas palavras de Getúlio Vargas já citadas antes;

"PLANTAI TRIGO! Ele é a fartura do lar, a glória dos campos, a riqueza da pátria"...

*** Discurso pronunciado de improviso e depois reconstituído pelo autor, durante dez minutos, perante uma Banca Examinadora composta pelos professores RUI ANTUNES (presidente), LUIZ RODOLFO, JOSÉ VEIGA, ZENALDO BARBOSA E NILZARDO CARNEIRO LEÃO, no salão nobre da Faculdade de Direito da U. R. para escolha do estudante que representaria a Faculdade, como seu orador oficial, na "X Semana Nacional de Estudos Jurídicos" em Porto Alegre. Apresentaram-se três candidatos e ao final dos trabalhos a Banca Examinadora proclamou o acadêmico Adige Maranhão como o vencedor.**

8/90

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

SAUDAÇÃO A DAVID NASSER

Prezado Jornalista David Nasser:

A "generosidade dos grandes homens não tem limites e eis que, graças a ela, temos aqui ao nosso lado um jornalista de projeção internacional da estirpe de David Nasser.

Desse David Nasser que é, nas páginas de O CRUZEIRO o porta-voz dos humildes e dos oprimidos. Dêsse David Nasser que o Brasil está cansado de aplaudir, na Imprensa, no Rádio e na TV brasileira. Dêsse David Nasser que não tolera as ditaduras e as tiranias, como um guardião da democracia, nos instantes decisivos da nacionalidade.

Para apresentá-lo aos meus colegas de Faculdade em nome do Diretório Acadêmico, direi apenas que na sua pessoa se conjugam, harmoniosamente, as virtudes que melhor podem distinguir a figura de um jornalista moderno. A austeridade das atitudes, o devotamento aos mais árduos deveres, o idealismo, o ardor com que resiste aos instantes de confusão de poderes na vida pública brasileira, a compreensão do alto sentido social do jornalismo moderno, a dedicação sem limites e sem vacilações aos sagrados interesses do povo.

Tudo isto, meu caro jornalista, resume apenas alguns dos pontos salientes de sua personalidade, tão opulenta das eternas riquezas do espírito".

(Trecho final do discurso transcrito da REVISTA O CRUZEIRO onde foi publicado na edição de 21/11/59).

2w.1968

F. D. R
Doação do autor
1961.05.24

**"E.U.A. : SUAS CÔRTEES E
SEUS JUIZES"**

O autor desta plequete espera antes de novembro próximo publicar uma outra sob o título: "E.U.A. — SUAS CÔRTEES E SEUS JUIZES". Fará isto atendendo a pedidos de vários colegas e como uma satisfação aos que constituem a Universidade do Recife do que aproveitou na Washington University onde cursou a "Law School" participando de um seminário sobre leis e direito comparado.

